



A aluna Rafaela Macedo desenhando os moldes para mais uma produção

ciais é enorme. “Guardo até hoje as primeiras roupas que fiz, não tenho coragem de jogá-las fora, mesmo malfeitas”, completa, aos risos.

Sobre a desvalorização da profissão, Priscila é enfática: carece, pela costureira, a percepção da importância do seu trabalho, que é minucioso, exige cálculos e conhecimentos específicos. E vale lembrar que hoje é possível encontrar roupas para comprar em qualquer lugar, então, uma peça feita por essas profissionais é única e mais do que especial. Falta aos consumidores perceberem isso também.

“Eu sempre falo que a costura é como uma engenharia e só não recebe esse nome porque, quando as pessoas pensam no ofício, imaginam uma mulher idosa, pobre e analfabeta. Mas não percebem que fazer uma modelagem, por exemplo, exige planejamento e estudo”, destaca.

Na pandemia, mesmo sendo uma profissão requisitada para a aquisição de máscaras e trajés de proteção, as costureiras não foram lembradas em aplausos coletivos e homenagens a profissões que se mantiveram ativas durante o isolamento.

Priscila, no entanto, faz sua parte: na internet, gosta de mostrar cada processo da confecção de uma peça. Com isso, as pessoas entendem melhor o preço e o trabalho das criações. Para a escola, os planos são aumentar o espaço das aulas e dar continuidade ao Clube Vestida de Sonhos, curso on-line com vídeos compactos para estudantes iniciantes.

ALINHAVANDO CONHECIMENTOS

Rafaela Macedo estuda tecnologia em design de moda no Instituto Federal de Brasília (IFB) e é uma das alunas da escola Vestida de Sonhos. O interesse pela costura surgiu de forma repentina na vida da estudante, que hoje tem 25 anos. Assistindo a um documentário, viu uma jovem, como ela, replicar uma peça usada por uma famosa.

A identificação foi instantânea e Rafaela, que sempre gostou de trabalhos manuais, começou os estudos na área com um curso on-line. Nesse processo, tem como inspiração a avó, que também é costureira, e a professora, Priscila Rodrigues.

Nos anos de curso, a estudante já fez vários modelos de roupas diferentes e diz aproveitar o progresso: “Existe esse processo bem minucioso de selecionar exatamente aquilo que você quer para poder se expressar melhor, pois, mesmo que duas pessoas produzam uma blusa do mesmo modelo, as escolhas de tecidos e a construção de detalhes tornam cada peça única”, enfatiza.

Para o futuro, além de continuar costurando suas próprias peças, Rafaela planeja se tornar professora de costura e modelagem para mostrar aos estudantes como construir essa relação de carinho com as roupas.

***Estagiárias sob a supervisão de Sibebe Negromonte**

#QuemFezMinhasRoupas?

A conscientização sobre a origem do que nos cobre perpassa discussões que vão além do mundo da moda. Lutar por uma indústria que seja mais responsável, transparente, justa e sustentável é também um ato político. E, afinal, política está em tudo, como ressalta Lara Vidal (@iaravidal), 48, jornalista e pesquisadora independente dos encontros da moda com a política.

Além de ter um programa semanal no YouTube, o #ModaEPolítica, Lara é representante do Fashion Revolution em Brasília, movimento comprometido com a defesa dos direitos humanos e ambientais voltados para a cadeia de produção e consumo de moda. Recentemente, a associação lançou a campanha Moda sem Veneno, contrária à aprovação do PL 6299/2002, que visa flexibilizar o processo de aprovação de novos agrotóxicos, muito presentes na cultura de algodão, matéria-prima de inúmeros tecidos.

“Embora o papel individual de cada pessoa seja importante, a questão não é tão simples. A escolha do consumidor faz parte de mudanças estruturais e que exigem políticas públicas. Como exigir que uma pessoa que vive em insegurança alimentar tenha consciência das roupas que compra? Tem que ligar o GPS e entender que a moda está em um contexto mais amplo”, avalia.

Apesar disso, a jornalista enxerga com positividade a crescente percepção das pessoas, em especial dos mais jovens, sobre o impacto da moda na crise climática e na precarização do trabalho. Em concordância, a costureira Priscila Rodrigues lembra que, hoje, há um maior questionamento sobre a qualidade das vestimentas compradas, que, além de poderem ter uma origem incerta, duram pouco.

“Não precisamos de tantas roupas. Temos características únicas, então, por que não transmiti-las por meio da forma como a gente se veste?”, finaliza Priscila. Perguntar-se qual a história de uma peça, o que você deseja transmitir por meio dela, como foi a sensação de produzi-la ou, claro, quem fez as suas roupas pode ser o início de uma relação mais saudável com a moda.



Aponte o celular e assista ao vídeo com a costureira Priscila Rodrigues, da Vestida de Sonhos